

# RELEVÂNCIA DO RÁDIO LOCAL E O CRESCIMENTO DAS REDES MUSICAIS: INQUIETAÇÕES SOBRE A MIGRAÇÃO DO AM-FM

RELEVANCE OF LOCAL RADIO AND THE GROWTH OF MUSIC NETWORKS: COMMENTS ABOUT THE AM-FM MIGRATION

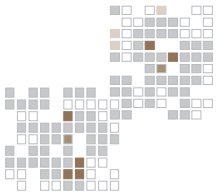
RELEVANCIA DE LARADIO LOCAL Y EL CRECIMIENTO DE LAS REDES MUSICALES: PREOCUPACIONES SOBRE LA MIGRACIÓN DE AM-FM

Karina Woehl de Farias

■ Docente do Departamento de Comunicação Social da Unesp. Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da mesma instituição. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (UFSC), Mestre em Educação (UNESC). Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq) e vice-coordenadora do GT História da Mídia Sonora da ALCAR.

■ *Profesora en el Departamento de Comunicación Social de la Unesp. Profesora colaboradora en el Programa de Postgrado en Medios y Tecnología de la misma institución. Doctora por el Programa de Postgrado en Periodismo (UFSC), Máster en Educación (UNESC). Miembro del Grupo de Investigación en Radio, Fonografía y Audio (Girafa/CNPq) y vicecoordinadora del GT Historia de los Medios Sonoros de ALCAR.*

■ E-mail: fariaskaki@gmail.com



## RESUMO

A migração do rádio AM-FM alterou o modo de produzir, emitir, circular e ouvir o meio no Brasil. São mais de mil emissoras brasileiras operando em novo espectro desde 2016. A troca de banda enquanto política pública resultou em melhoria técnica para o setor, que amargava um cenário de crise no AM, mas também desencadeou tensionamentos significativos em relação ao enxugamento do radiojornalismo local. A pesquisa exploratória e qualitativa traz dados recentes da ascensão destas redes ligadas à música e ao entretenimento, e ainda investiga a redução do jornalismo informativo em emissoras consideradas locais ou regionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** RADIOJORNALISMO; MIGRAÇÃO AM-FM; RÁDIO LOCAL; REDES MUSICAISL.

## ABSTRACT

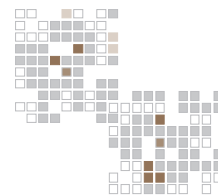
The migration from AM-FM radio has transformed the way radio is produced, broadcasted, disseminated, and listened to in Brazil. Nearly a thousand radio stations have been operating in the new spectrum since 2016. This shift in frequency as a public policy has brought technical improvements to the industry, addressing the crisis faced by AM radio. However, it has also triggered significant concerns the reduction of local radiojournalism. This exploratory and qualitative research provides data on the rise of these musican dentertainment-related networks, while also investigating the decline of community journalism in stations considered local.

**KEY WORDS:** RADIOJOURNALISM; AM-FM MIGRATION; LOCAL RADIO; MUSIC NETWORKS.

## RESUMEN

La migración de AM-FM ha transformado la forma de producir, transmitir, circular y escuchar radio en Brasil. Casi mil estaciones brasileñas operan en el nuevo espectro desde 2016. El cambio de banda como política pública ha llevado a mejoras técnicas en el sector, que estaba experimentando una crisis en AM, pero también ha desencadenado tensiones significativas en relación con la reducción del periodismo de radio local. La investigación exploratoria y cualitativa presenta datos sobre el aumento de estas redes relacionadas con música y entretenimiento, y también investiga la disminución del periodismo radial en emisoras locales o regionales.

**PALABRAS CLAVE:** PERIODISMO RADIAL; MIGRACIÓN DE AM-FM; RADIO LOCAL; REDES MUSICALES.



## 1. Introdução

Ao tensionar os efeitos da migração do rádio AM-FM nesta pesquisa, pretende-se colocar em evidência os reflexos da diminuição do radiojornalismo local na adesão de emissoras às redes musicais. Tal fato tem sido registrado durante o processo de troca de espectro, fenômeno que está mudando o *dial* brasileiro e a programação de estações tradicionalmente reconhecidas pela relevância na comunidade. O Decreto 8.139, que autoriza a mudança de banda, completa uma década em 2023, desde a assinatura da então presidenta Dilma Rousseff, e trouxe impactos positivos e negativos ao cenário radiofônico.

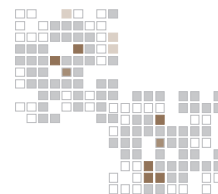
A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) registrava, em 2016, um total de 1.781 rádios com outorgas de AM no Brasil. Destas, 1.720 solicitaram a mudança para o FM. Até meados de 2023, mais de mil emissoras já haviam migrado no país. A mudança de modulação começou efetivamente com a Rádio Progresso de Juazeiro do Norte, no Ceará, sendo a primeira a operar em Frequência Modulada. De acordo com levantamento realizado pelo tudoradio.com, que mapeia as estações na migração AM-FM, já estão ativas em FM, 1.133 estações migrantes. Pelos números, é possível apontar que o estado de São Paulo lidera a lista com 148 rádios provenientes do AM, seguido pelo Paraná e Minas Gerais, respectivamente com 130 e 111 (Tudo Rádio, 2023). Os dados variam muito em decorrência de fatores como o número de estações aptas a migrar, avanço e disponibilidade da canalização no dial FM (entre FM convencional e FM estendido), tamanho dos mercados, entre outros aspectos.

A troca de espectro tem sido percebida como um marco regulatório importante no cenário radiofônico brasileiro da atualidade. Além de ter sido uma sobrevida para os donos de rádio, que amargavam problemas de recepção de sinal,

queda de anúncios e baixa audiência, a migração do AM-FM foi uma das soluções encontrada para a falta de um modelo de transmissão digital no país (Farias, 2020).

Diante deste contexto, se por um lado a troca de *dial* tem gerado ganhos à qualidade sonora, também vem representando um crescimento no número de redes de rádios musicais, resultando em um enxugamento de espaços informativos locais na programação de muitas emissoras do interior do país, o que, em nosso entendimento, coloca em risco o futuro do radiojornalismo. Assim, estudos anteriores nossos, apontam para alterações que vão desde a redução no quadro de comunicadores e jornalistas, ao conteúdo, afetando por exemplo, a cobertura jornalística local. A troca de modulação trouxe sim resultados satisfatórios, haja vista a mudança de perfis de programas históricos radiofônicos que eram veiculados em empresas do interior, que há muito não recebiam qualquer investimento em novos formatos, mas também requer análises sobre o radiojornalismo destas estações que em AM eram de cunho local ou regional em cidades do interior do Brasil.

É a partir deste cenário que pretendemos ampliar o olhar para o jornalismo do entorno nas comunidades de emissoras migradas para redes musicais. Para isso, enfatizamos que esta pesquisa se caracteriza como histórica, qualitativa, exploratória, e utiliza técnicas de revisão bibliográfica para análise de dados. Nas referências sobre radiojornalismo local utilizamos autores como Bonixe (2015) e Comassetto (2011), além de abordarmos a cultura do entorno com Cebrián-Herreros (2007, 2001) e Peruzzo (2005). Para análise, buscaremos alguns exemplos de empresas que no AM eram essencialmente locais e com a troca passaram a reproduzir conteúdo distante da realidade do seu entorno.



## 2. A relevância do localismo na comunidade

Por meio da programação informativa de muitas estações de rádio, podemos discernir algumas das características essenciais do meio, tanto em termos de produção quanto em conteúdo. Portanto, ao discutirmos o aspecto jornalístico das programações, é essencial pensarmos na compreensão do rádio enquanto sua função na sociedade. Com o passar dos anos, o rádio informativo tem sido capaz de retratar a realidade de muitas comunidades e seu entorno de maneira a elevar suas especificidades. Desde sua implantação, o meio tem demonstrado ser capaz de promover e divulgar peculiaridades regionais, desempenhando um papel crucial na construção de uma sociedade mais representada. Além disso, a interação rápida com o público o posiciona num papel importante na quebra da verticalidade das mensagens, alcançando inclusive segmentos mais plurais da sociedade. Tais características representam uma distinção significativa em relação a outros meios. Dito isso, o rádio, quando utilizado de maneira coerente com sua função social, corrobora na construção de identidades culturais regionais.

Neste contexto, descrevemos o rádio local como um meio voltado à programação e produção de informação para a comunidade ou região específica. Além disso, neste artigo, ainda adotamos este localismo no rádio, a partir de Peruzzo (2005), como sinônimo ao radiojornalismo local/regional e ao rádio informativo local/regional, por entendermos que o meio de comunicação local evidencia assuntos que tratem de pautas ligadas ao bairro e à comunidade em geral.

Assim, podemos afirmar que o rádio dá sentido aos acontecimentos, reforçando culturas e costumes. Bonixe (2015) reforça que essa identidade foi sendo construída pelas emissoras que demarcavam nas próprias designações

a localidade para a qual emitiam. O rádio, sobretudo os de emissão local e regional, tem esse olhar voltado ao seu entorno, seja por seus aspectos técnicos e sociais, seja pela produção transmitida. Mesmo na atualidade, emissoras de muitos municípios país afora são os únicos meios de comunicação responsáveis pela divulgação de informação, e nesse sentido, encontram-se as notícias de cunho local. Essa mídia do entorno, muito mais identificada com o radiofônico, conhece as diversidades e peculiaridades de cada região, utilizando uma linguagem que melhor se ajusta ao seu público. Cebrián-Herreros (2007, p. 65) pontua ainda que “frente à globalidade é preciso insistir no local, no desenvolvimento do entorno imediato, nas culturas do próximo que interessam a todos que vivem em uma determinada comunidade”.

Peruzzo (2005, p. 43) lembra que nos meios locais o protagonismo está nos cidadãos, que, “através de organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, instituem processos de comunicação com vistas à mobilização social e à ampliação da cidadania”. Portanto, o rádio local se posiciona como interlocutor entre a população e a esfera pública. Assim, compete aos veículos locais tratarem de temáticas próximas, como coloca Comassetto (2007, p. 66), declarando que “há um público ávido por conteúdos relacionados ao seu lugar de residência ou de trabalho”.

Enquanto concessões públicas, as emissoras têm como função a manutenção da sociedade. O meio, reconhecendo singularidades locais e conectando essa linguagem com as especificidades cotidianas da população, acaba por criar vínculos que vão além da associação dialógica emissora-ouvinte.

## 3. As redes de rádio e a migração do AM-FM

O número de redes de rádios musicais cresceu em consequência do pós-migração AM-FM. O fato vem sendo analisado atentamente, pois coloca o



radiojornalismo sob ameaça em algumas regiões do país. Essas Redes de Rádios via Satélite (RVS) se dividem em perfis voltados ao entretenimento e, em alguns casos, intercalando notícias. O livro *Migração do Rádio AM para o FM*, fruto de pesquisa nacional encabeçada pelas autoras Nair Prata e Nelía Del Bianco (2018), aponta que quase 20% das rádios migradas aderiram a uma rede nacional ou regional de rádio.

*A adesão às redes, ao mesmo tempo que funciona como uma estratégia para baratear a produção jornalística, afasta o rádio deste perfil, caminhando para um reforço da padronização da informação transmitida, abrindo mão das especificidades da audiência local. A realidade brasileira, no entanto, é múltipla e permite também observar a ampliação do investimento no jornalismo e na diversificação das vozes presentes no novo dial* (Lopez et al., 2018, p. 6).

O site tudoradio.com (2021) observa que são 62 Redes de Rádio via Satélite no Brasil. Os dados levantados pelo portal descrevem grupos e suas localizações geográficas país afora. Importante frisar que o universo das redes radiofônicas não está totalmente catalogado no país e, por isso, não é possível estimar um total absoluto de emissoras que adotam o modelo. Essas redes se dividem em segmentos como musical, religioso e noticioso.

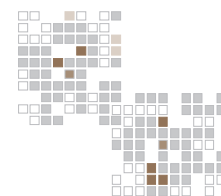
Entendemos essas redes como grupos nacionais ou regionais que representam um “conjunto de empresas, fundações ou órgãos públicos que controlam mais de uma entidade de mídia, independentemente de seu suporte, e atuam na periferia do sistema, com presença em até dois estados” (Dantas, 2010, p. 48). Para Avrella e Alexandre (2014, p. 5), “as redes compostas por rádios associadas são as que transmitem o mesmo conteúdo em tempo integral ou em alguns horários em diferentes regiões através

das sucursais”. Já as afiliadas são responsáveis por retransmitem parte de sua programação para outras estações em tempo real ou em outros horários de acordo com a empresa geradora.

Em muitos casos, a consequência é que, alguns traços culturais antes manifestados de maneira singular pelas estações locais, sejam sucumbidos pelas transmissões em rede (Avrella, 2014, p. 121). Transmissões essas que, conforme Comassetto (2011), são a combinação das novas tecnologias da comunicação, a partir da proliferação dos satélites, com o estabelecimento da nova ordem econômica deflagrada com o recente processo de globalização que de fato tem estimulado a constituição de redes dedicadas à veiculação de uma mesma programação. Assim, os *pools* de rádios constituem-se por uma conexão entre uma emissora cabeça de rede e estações afiliadas, geralmente transmitindo uma programação simultaneamente.

Ao integrarem os grandes conglomerados de mídia, as redes costumam levar ao ouvinte informações consideradas de qualidade e consumo global. Sendo assim, as cabeças de rede acabam por formar parcerias com pequenas rádios do interior e vão se tornando predominantes no mercado radiofônico. Porém, como dissemos, também podem ser nocivas à comunidade. Além disso, como reforçam Magnoni e Rodrigues (2013), o efeito colateral das redes “é que as transmissões nem sempre respeitam as identidades culturais e as preferências dos públicos regionais, fatores que podem diminuir a audiência local de emissoras que veiculam programas em rede”.

As pessoas não dependem exclusivamente do contexto global, pois demonstram interesse pelas questões que afetam as comunidades onde vivem. Dessa forma, mesmo em um mundo cada vez mais conectado, as pessoas e grupos familiares fortalecem conexões na preservação da memória e da cultura local. Neste cenário, o rádio, por



suas características técnicas e estruturais, tem reforçado um potencial para a divulgação de informações de proximidade. Vantagens não lhe faltam, sobretudo em novo dial, o que se coloca como um desafio de sobrevivência diante desse novo momento pós-migração.

#### 4. O crescimento da música em novo *dial*

O crescimento no número de redes de rádios musicais é uma das consequências do pós-migração que destacamos em pesquisas anteriores. Atualmente são 1.133 estações de rádio originárias da faixa AM que estão ativas em FM. As emissoras migraram para o FM convencional, a partir de 88.1 FM, ou para o *e-FM*, que corresponde ao *dial* estendido, a partir de 76.1 FM. O site tudoradio.com (2023) aponta que as redes nacionais musicais têm crescido,

lideradas por grupos ligados às rádios Massa FM, MIX FM e Jovem Pan FM, todas elas musicais. Vale destacar que o perfil de programação de muitas estações não segue um perfil único, ou seja, há emissoras que predominantemente tocam músicas, mas complementam a grade com informações de entretenimento.

Na tabela a seguir, fica evidente o crescimento das rádios de cunho musical pelo país, chegando a mais de 140 emissoras que passaram para o FM no processo migratório e junto aderiram a um grupo midiático. O fato que chama a atenção é que muitas delas, antes de transmitirem a cabeça de rede em FM, eram estações com programação generalista e essencialmente local no AM. Desde a mudança de espectro, passaram a reproduzir programações de grandes centros.

Tabela 1 Migrantes AM-FM que integram uma rede considerada nacional, com presença em pelo menos três regiões

EMISSORA	NÚMERO DE ESTAÇÕES	PERFIL DE PROGRAMAÇÃO
Antena 1	4	Musical
Band FM	6	Musical
Rádio Bandeirantes	5	Jornalística
BandNews FM	1	Jornalística
CBN	11	Jornalística
Clube FM	6	Musical
Deus é Amor	10	Religiosa
Jovem Pan FM	<b>24</b>	<b>Musical</b>
Jovem Pan News	<b>12</b>	<b>Jornalística</b>
Massa FM	<b>30</b>	<b>Musical</b>
Rádio Mix FM	11	Musical
Nativa FM	8	Musical
Nossa Rádio	3	Musical
Novabrasil FM	2	Musical
Rede Aleluia	13	Religiosa
Transamérica	3	Musical
Rede Up	2	Musical

Fonte: Levantamento realizado pelo tudoradio.com (2023).



Segundo números apresentados pelo Tudo Rádio, a Rede Massa FM, do Paraná, se configura entre as principais com expansão de afiliadas distribuídas em muitos Estados. São 30 ao todo, das quase 60 estações que carregam a marca. O grupo do apresentador Carlos Massa, o Ratinho, também conta com grandes e médios mercados, como São Luís (MA), Cuiabá (MT), Florianópolis (SC), São José do Rio Preto (SP), Ponta Grossa (PR), Cascavel (PR), Criciúma (SC), estando atualmente nas cinco regiões do país (Tudo Rádio, 2023).

Em destaque na tabela estão as redes com maior número de estações migrantes. Percebe-se que entre as três empresas líderes, todas são de música e entretenimento. Em Santa Catarina, estado em que nos debruçamos a estudar os reflexos da troca de banda, um exemplo emblemático da mudança de perfil na programação é a rádio Guararema, de Florianópolis, que atuava regionalmente na capital desde 1986. O empresário, apresentador e ex-deputado catarinense César Souza, comandava a empresa desde a década de 1990. Ele também é proprietário da Guararema em Brusque 107.7FM e em Blumenau 103.5FM. Desde 2017 as três estações aderiram à filiação na Rádio Massa FM.

A mudança na programação da emissora da grande Florianópolis foi brusca, cedendo boa parte da grade para a cabeça de rede em Curitiba. Foram investidos aproximadamente R\$ 500 mil na troca de equipamentos e projeto técnico. A alteração no perfil da grade reduziu os espaços jornalísticos e esportivos da emissora que cobria os municípios do entorno. Agora, a transmissão informativa tem regras a seguir da rede, mesmo com certa liberdade no horário das 6h.

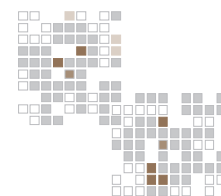
Em Içara, no Sul do Estado, registra-se o mesmo fato. A Rádio Difusora, considerada no conceito de Ferraretto (2014) e Morgado e Cruz (2017) como uma estação eclética quanto a sua programação, cobria os jogos do Criciúma e tinha

em sua grade debates e noticiários esportivos ao longo do dia e nos finais de semana. Desde 1982 no ar, a Rádio Difusora de Içara foi criada com este nome para homenagear a antiga emissora homônima em Criciúma, extinta em um incêndio misterioso sem desfecho até os dias atuais.

Com um estilo de rádio popular, a empresa manteve o gênero de programação até o final de 2019, quando migrou oficialmente ao FM e aderiu à rede Massa. Dos 910 AM passou a ser Rádio Massa 94,5 FM e mudou drasticamente a sua grade. Para a migração, foram investidos aproximadamente R\$ 1,5 milhão, entre equipamentos, estúdio novo, projeto arquitetônico e técnico e os valores destinados ao Governo Federal (Farias, 2021). Desde que virou Massa FM, a empresa içarense dispensou comunicadores e comentaristas esportivos, enxugando drasticamente a equipe.

O caso também afeta outros estados, bem como novos grupos midiáticos. No interior paulista, segundo levantamento do tudoradio.com, a Jovem Pan também chama a atenção pela quantidade de emissoras migradas, como apresentado na tabela anterior. Neste caso, dois aspectos são evidenciados, o número grande de estações musicais, chegando a 24 migradas, e também as emissoras especializadas em notícias, a Jovem Pan News, com 12 rádios operando em Frequência Modulada. Segundo o site do grupo, até meados de 2023 a empresa totalizava 114 estações espalhadas pelo Brasil. O número leva em conta as emissoras musicais (Jovem Pan FM) e noticiosas (Jovem Pan News).

*A rede liderada pela Jovem Pan News de São Paulo está bem próxima de fechar uma área de cobertura importante ao redor da capital paulista através de estações em FM. Com afiliadas originadas do AM, mas próximas de concluírem suas migrações para o FM, a marca terá novidades nas praças de Campinas,*



*Santos, Rio Claro e também em São Paulo, após a confirmação da transmissão da grade da Jovem Pan News em 76.7 FM. Em 2022 a rede jornalística também passou a contar com uma afiliada em FM na cidade de Piracicaba, outra estação originada na faixa AM (Tudo Rádio, 2023, online).*

Em Bauru, centro-oeste paulista, a tradicional Rádio Auri Verde, com mais de seis décadas de atuação na cidade, fez sua mudança de banda em 2018. A emissora operava no 760AM e com a migração aderiu a Jovem Pan News, sendo sintonizada no 97,5FM. Ao deixar de transmitir a programação generalista e voltada aos assuntos locais, a Auri Verde demitiu aproximadamente 30 funcionários ainda em 2017 (Associação Brasileira de Imprensa, 2017, *online*). A Jovem Pan News Bauru funcionou até meados de 2023 como afiliada, quando realizou a desligamento da rede paulista e retomando seu antigo nome, porém, como uma equipe bastante reduzida.

A Rádio Mix FM também ganhou relevância nesse processo que transfere o AM para o FM com 11 estações migradas, seguida também pela Nativa, com 8 emissoras. Os números também apontam para transmissões religiosas, com rádios como a Rede Aleluia e Deus é Amor. Vale frisar, que a qualidade plástica destas rádios aumentou com a adesão à rede. Além disso, a programação musical, muitas vezes, também é um diferencial de muitas afiliadas, como no caso da Massa FM. Mesmo sendo repetidora, a seleção das músicas é baseada em pesquisas com grupos focais e inteligência artificial, resultando numa programação diferenciada de outras do gênero, buscando agradar a audiência de forma robotizada.

*A construção de programações 100% automatizadas, embora levem a um abarateamento da construção do conteúdo transmitido,*

*geram também uma padronização e a falta do diálogo característico do rádio (ORTRIWANO, 1985), sem a proximidade que gera engajamento das novas audiências (Lopez; Resende; Borges, 2019).*

A maioria delas pertence aos principais grupos midiáticos do Brasil e busca consolidar seu poder de penetração e atingir um número maior de ouvintes e arrecadações publicitárias. Com a justificativa de levarem informações consideradas de qualidade e sem custos, essas emissoras formam parcerias com as pequenas rádios do interior e vão se tornando soberanas no mercado radiofônico. Cebrián-Herreros (2007) enfatiza o interesse das estações cabeças de rede em estarem cada vez mais presentes em um maior número de localidades. As grandes cadeias não querem ficar presas só no âmbito nacional. Estabelecem um sistema de desconexões por regiões e por localidades para estarem presentes também em muitos lugares. A desculpa é oferecer informação durante um tempo reduzido sobre o ocorrido no local, mas a razão fundamental é o fator econômico, ou seja, para captar a publicidade dos pequenos e médios comerciantes que multiplicada pelo número de emissoras, incrementa a arrecadação global da cadeia.

Se de um lado ganha-se em qualidade do som, estética plástica, outros impactos vêm sendo percebidos desde o início da troca da banda AM pelo FM. Dentre as principais justificativas para a escolha da música em troca da informação, está a rentabilidade financeira dos donos das empresas radiofônicas. Sabemos o valor que as redes têm, em profissionalizar e ampliar olhares para além do entorno, no entanto, elas também acabam por prejudicar o espaço da informação local de muitas emissoras, que desde sua fundação eram quase que fundamentalmente faladas e ligadas com a comunidade. Também, conforme Farias (2021), reduziram o número de





colaboradores, ampliando o tempo de microfone de comunicadores durante os musicais, um costume ao estilo das FMs.

## 5. Considerações Finais

Consequências mais marcantes da migração evidenciam adaptações visando ao rejuvenescimento da audiência, investimento em mecanismos de interação com o público, crescimento no faturamento do setor, atualizações estéticas e, também a aderência às redes musicais de rádios. Essa última, miramos o olhar visando compreender o impacto no radiojornalismo, sobretudo o local. O caso da Rede Massa FM merece destaque.

O artigo abordou tanto o ressurgimento de estações enfrentando o declínio na audiência em Amplitude Modulada, quanto as preocupações sobre a perda do caráter local do rádio ao aderirem às redes musicais. O crescimento destes aglomerados de emissoras ficou evidente no processo de troca de espectro do rádio brasileiro. Os impactos desse aumento das redes de música foram tensionados a partir do risco à identidade local, principalmente em emissoras do interior do país. Os grupos midiáticos acabam dando ênfase a culturas globais, sejam elas informativas ou musicais, de outras regiões. Assim, se as redes encurtam distâncias, mas representam a diminuição em alguns horários da audiência local, atenuando diferenças significativas.

A transformação do cenário radiofônico uma década depois na assinatura do Decreto de Migração do AM-FM exige avaliação contínua, garantindo que a essência da informação local conectada à comunidade não fique comprometida em meio às constantes mudanças em novo *dial* por conta da sustentabilidade do setor. Tal constatação lança luz sobre caminhos a serem percorridos no futuro do radiojornalismo brasileiro. À medida que as rádios buscam a sobrevivência após a crise do AM, processo

que já fazia parte das reivindicações dos radiodifusores, ou seja, tornar mais flexível o ambiente de negócio e facilitar os processos de ampliação do faturamento com novos modelos de negócio, reduzir a cobertura local em prol de uma programação economicamente mais viável pode se tornar um problema futuro. Por isso, faz-se necessário ampliar ainda mais as discussões sobre a sustentabilidade do jornalismo local na atualidade, bem como o equilíbrio entre as demandas de entretenimento e informação.

O enxugamento de espaços locais foi observado na experiência da Rádio Massa, anteriormente conhecida como Guararema, localizada na grande Florianópolis, emissora que tinha programação de cunho informativo antes da mudança de banda. O mesmo ocorreu no sul de Santa Catarina, em Içara, com a Difusora. Além disso, a Auri Verde, estação do interior paulista com mais de 60 anos de atuação, também é exemplo de tal diminuição do radiojornalismo. Nossa impressão acerca do fenômeno é marcada por um sentimento de prejuízo ao jornalismo local. Perda relacionada à redução de uma das potencialidades do rádio, de conversar com seu entorno. A programação radiofônica destas estações estava caracterizada por uma interação mais próxima com a audiência, baseada na tradição do rádio falado, fato não percebido ao deixarem a grade eclética que tinham. A condição, lamentamos, exemplifica uma tendência que pode comprometer o papel do meio de ser mediador entre a notícia e a população. Além disso, a adesão a redes musicais, muitas vezes, resulta em um silenciamento de vozes locais, de preocupações regionais e de eventos próximos do ouvinte.

Sendo assim, reforçamos a necessidade de potencializar estudos e análises sobre os reflexos das redes na migração AM-FM para sabermos se a redução, em alguns casos, de informação de um meio de massa democrático como é o rádio, significou um agravamento na percepção



de realidade da população. Dessa maneira, as implicações no cenário radiofônico são complexas e exigem novos olhares inclusive para as redes religiosas e também as informativas, temática que pretendemos nos empenhar futuramente. Concluímos, que a transição de faixa não apenas melhorou questões técnicas,

mas também reascendeu o debate sobre o equilíbrio entre a preservação da identidade do jornalismo local e a adaptação às demandas de inovação. Diante desse panorama em evolução, é crucial explorar estratégias que permitam às estações conciliarem tradição, rejuvenescimento e tendências da era digital.

## Referências

AVRELLA; Bárbara. ALEXANDRE, Tássia. A trajetória histórica das redes de rádio no Brasil. In. Encontro Regional Sul de História da Mídia, 5, 2014. *Anais [...]*. Florianópolis, SC: Alcar, 2014. Disponível em <https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/>.

AVRELLA, Bárbara. *O radiojornalismo local em pequenas emissoras: um estudo das rádios Luz e Alegria AM e Seberi AM*. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Florianópolis: 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. *Rádio Auri Verde demite todos os funcionários*. Disponível em: <https://sampi.net.br/bauru/noticias/2210083/cultura/2017/09/auri-verde-entrara-em-rede-com-a-jovem-pan>. Acesso em abril de 2023.

BONIXE, Luis. A territorialização da informação: uma análise do jornalismo nas rádios locais portuguesas. *Novos Olhares*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 67-80, 2015.

BRASIL. *Decreto presidencial nº 8.139 – 7 de novembro de 2013*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm). Acesso em dezembro de 2021.

CEBRIÁN-HERREROS, Mariano. *La radio em la convergência multimedia*. Barcelona: Gedisa, 2001.

CEBRIÁN-HERREROS, Mariano. *Modelos de radio, desarrollos e innovaciones: del diálogo y participación la interactividad*. Madrid: Fragua, 2007.

COMASSETTO, Leandro Ramires. *A voz da aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global*. Florianópolis: Insular, 2007.

COMASSETTO, Leandro Ramires. A internet como recurso para reforçar a proposta do rádio local. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2011.

DANTAS, Francisco José Gomes. *As áreas de cobertura das emissoras de TV e as regiões urbanas de Santa Catarina: o caso da rede independência de comunicação*. Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis,

2010.

FARIAS, Karina Woehl de. *Do AM para o FM: adaptações do radiojornalismo na migração de dial em Santa Catarina*. 2020. 219 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FARIAS, Karina Woehl de. Tensionamentos no dial catarinense com adesão às redes musicais na Migração AM-FM: o radiojornalismo ameaçado. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 19, 2021. *Anais eletrônicos [...]*. Brasília: SBPJor, 2021.

LOPEZ, Debora Cristina; RESENDE, Marcos; BORGES, Daniel. Locução automatizada e o rádio musical: primeiras aproximações. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 42, p. 185-199, 2019.

LOPEZ, Débora. Cristina. et. al. Reposicionamento do radiojornalismo frente aos novos desafios da migração do AM para o FM: análise de caso de quatro emissorastradicionais. In.: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16, 2018, São Paulo. *Anais [...]* São Paulo: SBPJor, 2018. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018>. Acesso em: jul, 2019

MAGNONI, Antônio; RODRIGUES, Kelly. O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo. In: Encontro Nacional da História da Mídia, 9, 2013. *Anais [...]*. São Paulo: Alcar, 2013.

MORGADO, Fernando; CRUZ, Lucia Maria. *Globo e Jovem Pan: experiências de programação eclética no rádio FM*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40, 2017. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2017.

PERUZZO, Círcia. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, São Paulo, v. 26, n. 43, 2005.

PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nelia (Orgs.). *Migração do rádio AM para o FM: Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica*. Florianópolis: Insular, 2018.



TUDO RÁDIO. Migração das AMs, levantamento das FMs. Disponível em: <https://tudoradio.com/conteudo/ver/45-o-Radio-migracao-das-ams-levantamento-no-fm>. Acesso em: julho de 2021.

TUDO RÁDIO. Massa FM é a rede com mais migrantes AM-FM. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/29413-levantamento-massa-fm-e-a-rede-com-mais-migrantes-am-fm-jovem-pan-radio-mix-fm-e-cbn-tambem-se-destacam>. Acesso em junho de 2023.

TUDO RÁDIO. Migração AM-FM beneficia Jovem Pan News, que passa a ter rede FM ao redor de São Paulo. Disponível em <https://tudoradio.com/noticias/ver/28972-migracao-am-fm-beneficia-jovem-pan-news-que-passa-a-ter-rede-fm-ao-redor-de-sao-paulo#:~:text=Com%20afiliadas%20originada%20do%20AM,Pan%20News%20em%2076.7%20FM>. Acesso em julho de 2023.

---

Artigo enviado em 14/09/2023 e aceito em 06/12/2023.

